

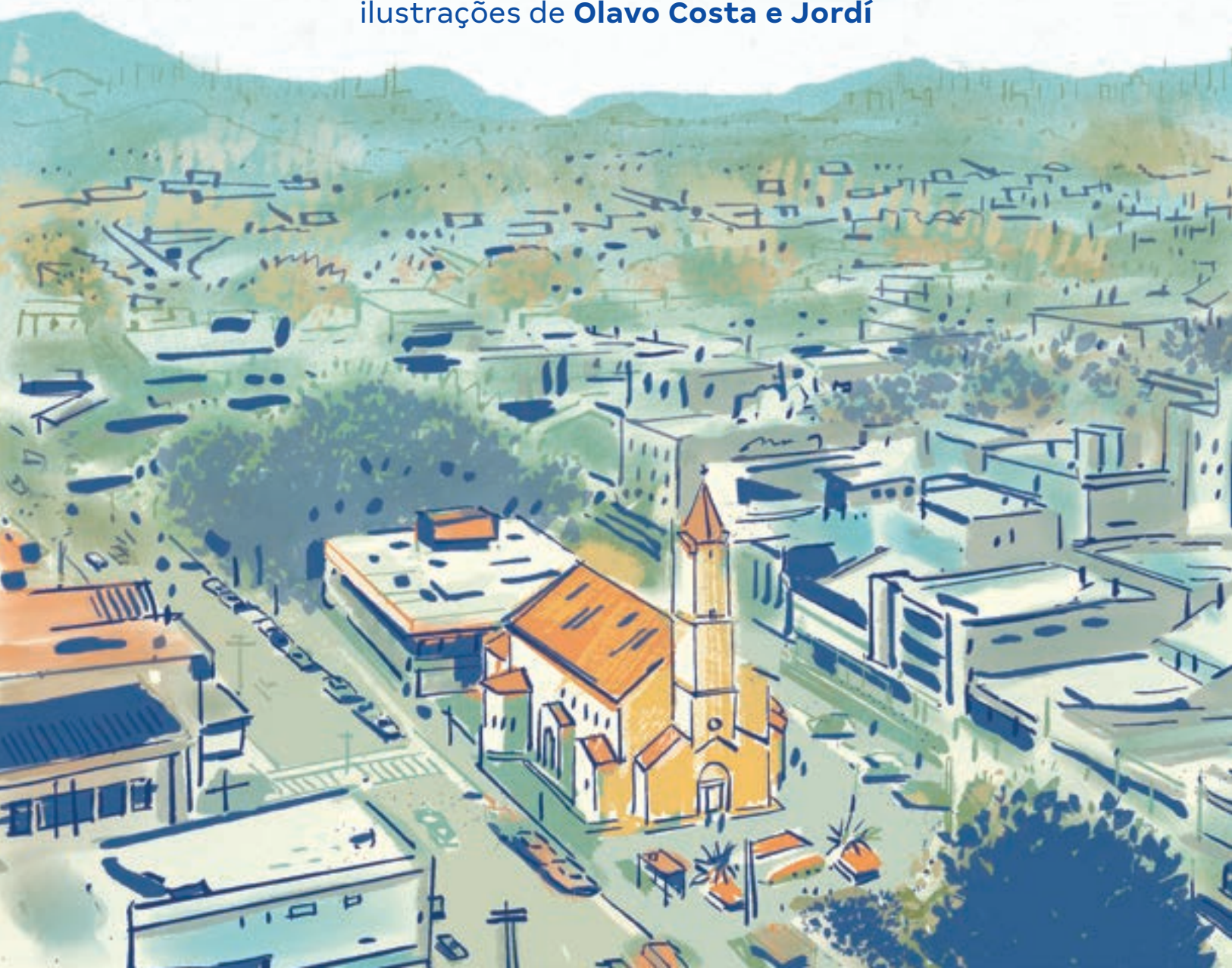
CAMBORIÚ

A CIDADE DA GENTE

Sibélia Zanon

alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Olavo Costa e Jordí**



CAMBORIÚ

A CIDADE DA GENTE

Sibélia Zanon

alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Olavo Costa e Jordi**



OLHARES

São Paulo 2025



Somos a Aegea, empresa referência no setor de saneamento básico no Brasil, com quinze anos de história. Por meio de nossas concessionárias espalhadas de norte a sul do país, atendemos mais de 39 milhões de pessoas, em quinze estados e mais de 890 municípios. Temos o propósito de movimentar a vida, levando saúde e dignidade para milhões de brasileiros com serviços de água potável, coleta e tratamento de esgoto.

Mas vamos além dos benefícios gerados pelo serviço de saneamento que prestamos! Temos o olhar para o cuidado com as pessoas e com o meio ambiente e somos mestres em “brasicidades”, valorizando profundamente os saberes e as histórias dos territórios onde estamos.

O patrocínio deste livro une a concessionária Águas de Camboriú e o Instituto Aegea, organização sem fins lucrativos que é o braço de iniciativas socioambientais da companhia e tem a missão de contribuir com o desenvolvimento dos municípios de atuação do Grupo Aegea, visando gerar impacto positivo e prosperidade compartilhada por meio das melhores práticas socioambientais.

Fazemos isso ao promovermos parcerias como esta, no projeto A Cidade da Gente, que convida jovens estudantes de escolas públicas a mergulharem na história de sua cidade, de forma a honrá-la e valorizá-la, além de estimular seu interesse pela leitura e pela cultura, contribuindo diretamente em suas formações pessoais e acadêmicas.

Iniciativas como essa reforçam o nosso compromisso em contribuir com o desenvolvimento de um futuro melhor, deixando um legado de desenvolvimento sustentável nos locais onde atuamos. Que este livro, fruto da colaboração de tantos profissionais e estudantes, alcance muitas pessoas.

Águas de Camboriú e Instituto Aegea

Bem-vindo a uma viagem afetiva e inspiradora pelas páginas deste livro, que revela a alma de Camboriú por meio dos olhos atentos e curiosos de nossos estudantes e professores das escolas GEM Andrônico Pereira, EBM Profª Clotilde Ramos Chaves, EBM Eliete Pereira Melo e EBM Lucinira Melo Rebelo. Com sensibilidade, dedicação e muito envolvimento, nossas escolas transformaram este projeto em uma celebração da identidade camboriuense. Ao longo das páginas, o leitor encontrará relatos, registros e descobertas que resgatam memórias, revelam patrimônios, exaltam tradições e valorizam as pessoas que fazem parte da história da nossa cidade. Nossos estudantes, protagonistas dessa caminhada, compartilharam suas experiências e aprendizados com entusiasmo e autenticidade. Guiados por professores comprometidos, eles construíram um material rico, cheio de significado, que nos convida a enxergar Camboriú com um novo olhar, fruto da integração entre toda a comunidade escolar. Este livro é mais do que uma produção pedagógica, é um gesto de amor à cidade, um presente para a comunidade e um legado para as futuras gerações. Que esta obra fortaleça o sentimento de pertencimento, o orgulho por nossa terra e o compromisso com a valorização da educação e da memória de Camboriú.

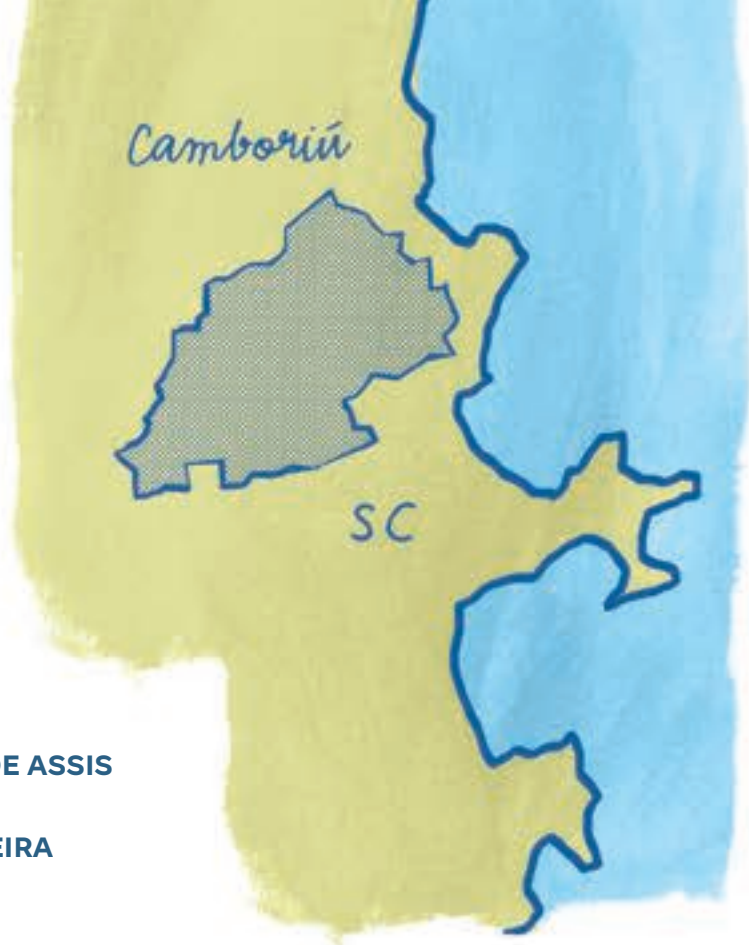
Viva Camboriú! Viva a nossa história contada por quem ajuda a construí-la todos os dias!

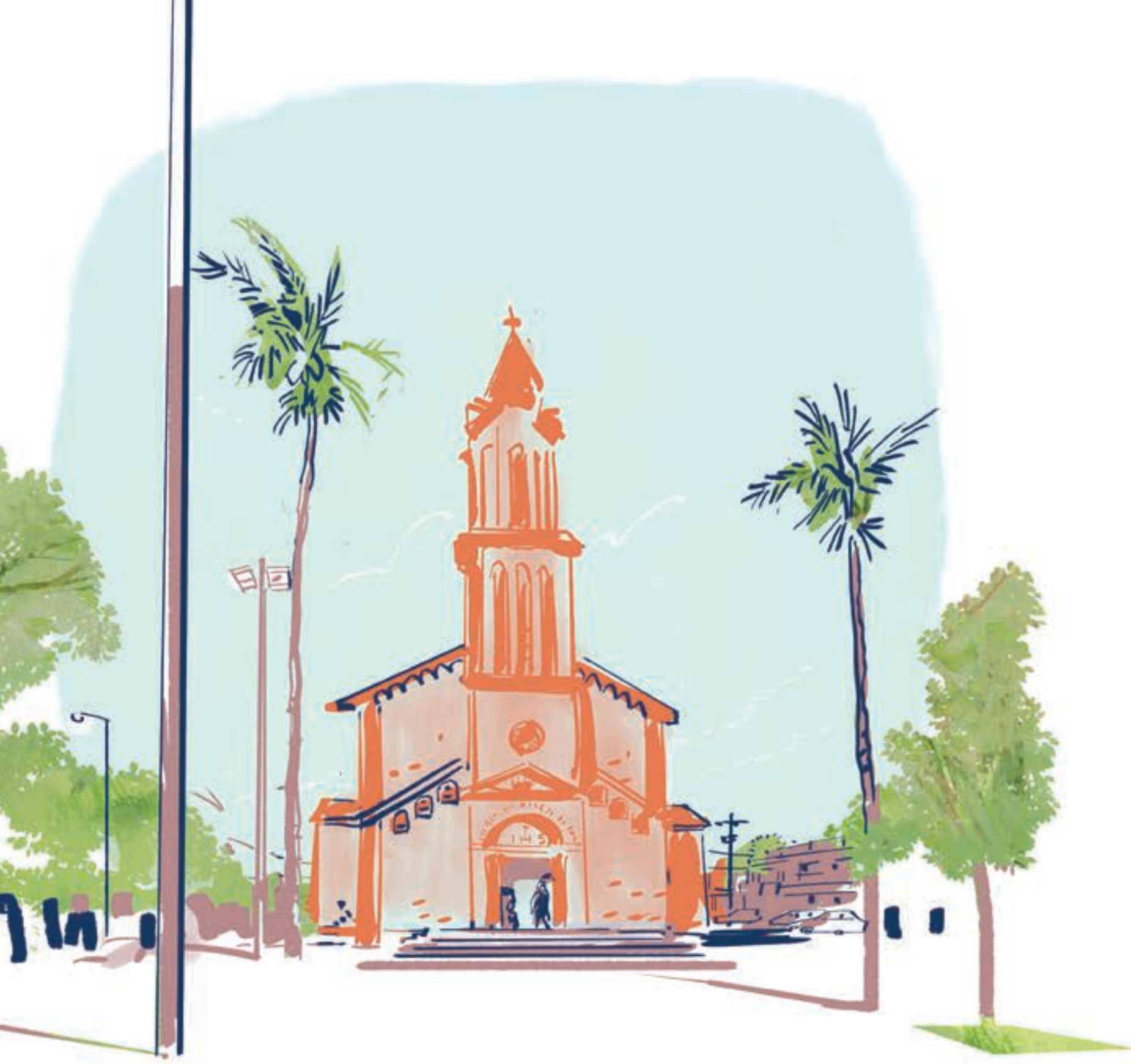
Carin Bernadete Krug
Secretária Municipal de Educação de Camboriú



SUMÁRIO

10	RIO CAMBORIÚ
16	BAIRRO SÃO FRANCISCO DE ASSIS
20	ESCOLA ANDRÔNICO PEREIRA
24	OLARIAS
30	PEDREIRA GUARNERI
36	CACHOEIRA SECA
42	FAMÍLIA PORTO
48	GINÁSIO IRINEU BORNHAUSEN
54	INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
60	PRAÇA DAS FIGUEIRAS
66	FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO
70	IGREJA PRESBITERIANA
76	PARQUE LINEAR





Ondulada por montanhas, Camboriú guarda riqueza em seu chão. O mármore translúcido da região, aquele que deixa a luz do sol passar por seus veios, é conhecido pelo mundo todo. E, no coração da cidade, a planície guarda o cultivo do arroz, do milho e das frutas, alimentando a vida dos moradores.

Localizada no litoral norte de Santa Catarina, Camboriú é vizinha da famosa Balneário Camboriú, e com ela compartilha muitas histórias, mas tem a própria identidade. A cidade começou a ser formada por famílias vindas principalmente dos Açores, que se instalaram no interior e deram início a uma vida baseada na agricultura e na pesca.

Muitos desses costumes ainda estão vivos nas comunidades rurais e são passados de geração em geração. Os plantios e o cuidado com os animais fazem parte do dia a dia de muitas famílias. Por isso, em muitos bairros podemos encontrar paisagens que misturam o antigo com o novo, a nostalgia das casas de madeira ao lado das construções modernas.

É um pouco da história e da cultura dessa cidade que a gente vai contar aqui com o olhar curioso e criativo dos estudantes das escolas públicas de Camboriú. Cada texto foi inspirado por visitas a lugares importantes da cidade, que guardam a memória viva das pessoas.

Aqui, a cidade aparece do jeitinho que ela é: cheia de contrastes, com gente que vem de longe e gente que nunca saiu daqui, com festas religiosas, natureza exuberante e histórias que merecem ser lembradas. Tudo isso foi transformado em cartas, diários, poemas e outros gêneros que mostram Camboriú de uma forma toda nossa.

Vamos juntos?!

RIO CAMBORIÚ

EBM Clotilde Ramos Chaves

Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi

Turmas de 6º ano

Nada melhor para conhecer uma cidade do que navegar os olhos por seu rio.

O rio Camboriú é parte da história, da paisagem e da vida de quem mora na região. Ele é formado pela união de riachos menores, como os do Braço, do Meio e dos Macacos, e atravessa a cidade até desaguar no mar, lá em Balneário Camboriú. Além de embelezar os lugares por onde passa, ele abastece de água não só a cidade, mas também suas vizinhas.

Os alunos admiraram o rio bem de perto e aproveitaram para brincar numa praça às suas margens. Enquanto se divertiram, observaram os animais que vivem por ali. No fim do passeio, a bicharada roubou a cena, e muitos se transformaram em destinatários de cartas cheias de criatividade!

Camboriú, 18 de junho de 2025.

Olá, senhor Lambari.

Você gostaria de conversar comigo sobre o rio Camboriú? O rio Camboriú é um lugar com muitas capivaras e peixes de várias espécies, igual a você, Lambari.

Eu gostaria de te levar para o fundo do rio Camboriú, onde a luz do Sol não é mais vista. Lá pode ter o Megalodon. Essa espécie não é vista há anos, mas cientistas comprovam que ela existia há mais de 2 mil anos, quando era o maior peixe visto. E não para por aqui: existe ainda a lenda do Kraken.

Mas estamos falando só do rio Camboriú. Nada disso vai acontecer. O rio é um lugar muito legal para pescar. Um dia, eu e meus dois amigos fomos no rio, jogamos a ração de peixe, só que acabou. Mesmo assim o meu amigo Pedro pegou dois peixes.

Kauã da Silva Chaves

A Kemili não perdeu tempo e puxou assunto sério com a dona Capivara: falou sobre a saúde do rio e do ambiente ao redor. Ainda teve uma boa ideia: que tal levar esse papo até o prefeito e cobrar ações para manter tudo limpo e bem cuidado?



Camboriú, 18 de junho de 2025.

Querida Capivara!

Eu e meus amigos do 6º ano, que estudamos no colégio Clotilde Ramos Chaves, fomos de ônibus visitar a sua casa.

Nossa! Achei incrível o lugar onde a senhora mora. O rio Camboriú é maravilhoso e grande, tem muitas árvores lindas! A senhora deve ter uma vista muito linda daí. A senhora pega sol e chuva. E a senhora deve brincar com seus amigos.

Eu espero que o rio Camboriú não tenha muito lixo, porque a senhora e os seus filhos podem se machucar. Por exemplo, podem se enroscar em uma lata, e isso é muito perigoso para a sua família. E a senhora pode ficar muito triste com muita sujeira.

Eu espero que o rio Camboriú possa melhorar, que o prefeito da nossa cidade venha fazer uma limpeza no rio Camboriú e tirar tudo aquilo que atrapalha a senhora de conviver com seus familiares...

Querida Capivara, vou conversar com o prefeito da minha cidade para tirar toda a sujeira que tem no rio Camboriú para deixá-la mais feliz! E qualquer coisa você pode me mandar uma carta respondendo se foi feita a limpeza do rio, e se a senhora gostou do que foi feito. Eu espero notícias suas! Te amamos. E o rio Camboriú também! Espero que você fique feliz!
Kemili Velasco de Oliveira



A Luiza se encantou com uma pedra na beira do rio e resolveu escrever uma carta especialmente para ela!

Camboriú, 18 de junho de 2025.

Olá, querida Pedra. Como vai?

Sabia que dá para pescar aí onde você mora? E há vários animais por perto também, como a garça-branca-pequena, que come principalmente peixes, mas também uns insetos. E há os peixes. Alguns comem peixes pequenos, como o xerelete. Mas tenha cuidado aí, está bem? Vai que um teiú acha que você é comida...

A nascente é aqui onde eu moro, Camboriú, e deságua na praia de Balneário Camboriú, nas águas do oceano Atlântico. Até tem como visitar lá, mas a água é salgada, e no rio Camboriú a água é doce.

Você sabe qual é a empresa que administra o rio Camboriú? É a Empresa de Água e Saneamento de Balneário Camboriú (Emasa). Ela é a principal responsável pela gestão da água do rio Camboriú, porém o rio não é um dos melhores em limpeza, infelizmente...

Tchau, Pedra!

Luiza Alencar Corrêa



Já o Carlos presenteou o rio Camboriú com um acróstico que ele mesmo criou durante a visita.

Respira entre a natureza e o sol brilhante
Irriga a vida com curso constante
Onde passa deixa risos e alegrias.

Contando memórias em água e glória
Atravessa matas, cidades e chão,
Mistura o sal com o doce de tradição
Banho de luz sob o céu
Orquestra de aves num tom sutil
Reflexo da terra, espelho do céu
Inspira poetas com suas doces palavras
Único em alma, guardião do sul.
Carlos Eduardo Monteiro Florêncio



BAIRRO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

GEM Andrônico Pereira
Professora Jacqueline Krankoski Paganini
Turma 61

Perto do rio Camboriú, está o bairro São Francisco de Assis. Você sabia que esse bairro tem o apelido de Barranco? Isso porque ele fica num vale, onde o terreno é bem inclinado — como algumas ladeiras que cansam só de olhar!

Com o tempo, o bairro foi crescendo com a cidade de Camboriú. Hoje, ele é conhecido por ter um forte setor imobiliário e também por atrair visitantes, graças ao turismo da região.

Ah! E tem mais: é lá que fica a nossa querida escola GEM Andrônico Pereira! A turma fez uma pesquisa sobre o bairro e trouxe muitas descobertas em forma de acrósticos.

Bairro São Francisco de Assis
Abençoado.
Risos para todo lado!
Respeitado e
Animado!
Nosso bairro querido,
Cuidado e protegido.
Orgulho tenho de aqui ter vivido!
Produção Coletiva

Bairro São Francisco de Assis,
Amado e feliz.
Respeitado e animado.
Reluzente e renomado.
Acolhedor e cheio de amor.
Nós aqui nos divertimos,
Celebramos e sorrimos.
Orgulho eu tenho de, em ti, ter crescido!
Antônia Rodrigues Jaques e Gabriely Bernardes



Os alunos também se arriscaram no mundo da poesia! Eles fizeram uma entrevista superinteressante com um morador antigo do bairro: o senhor Valdevino de Souza, mais conhecido como “seu Dico”.

Durante a conversa, seu Dico matou a curiosidade da turma, contando como eram as casas antigamente, os costumes das famílias e como funcionava o comércio quando ele era jovem. Alguns alunos nasceram no bairro, enquanto outros chegaram faz pouco tempo... Por isso, aproveitaram bastante a prosa com o visitante!

As histórias do seu Dico ajudaram na hora de criar os textos. Foi uma visita cheia de memórias e inspiração!

O bairro São Francisco de Assis

Antes se chamava Barranco esse lindo lugar,
Muitos vieram aqui para morar.
Um lugar bonito e alegre, divertido de se ver.
E é ótimo lugar para se viver!

Nesse lugar cada um tem seu jeito,
Mas também temos muito respeito!
Antigamente brincavam de carrinho de lata,
E também se brincava na mata.
As crianças ajudavam em casa,
Pegavam lenha para acender a brasa.

As crianças tinham muita diversão,
E também respeito e educação.
Hoje o bairro está bastante mudado,
Mas o povo continua feliz e animado!
**Flávia Couvodos Alencar, Rayane Andrade do Nascimento
e Yuri Valmor Fernandes Foletto**

Raízes do Barranco

São Francisco de Assis
É onde a gente mora.
Um bairro legal,
Que muda toda hora!

De Barranco era chamado.
Não tinha nem ponte,
Só a balsa passava para o outro lado!

As ruas eram de barro,
Tudo bem diferente.
O povo era firme e seguia contente.
Não tinha luxo, mas tinha união.
Todo mundo se ajudava como
se fosse irmão!

A criançada brincava,
Banho no rio tomava.
Brincava na rua, no sol ou no frio,
Carrinho de lata, pão e futebol.
Diversão até se esconder o sol!
**José Matheus Vicente Rocha Fagundes, Thales do
Carmo Lopes e Erick Willian Vicente de Oliveira**

ESCOLA ANDRÔNICO PEREIRA

GEM Andrônico Pereira
Professora Jacqueline Krankoski Paganini
Turma 62

Muitas vezes, a escola é quase uma segunda casa — e pode até guardar histórias de família! Por isso, a Andrônico Pereira é tão importante. Alguns alunos contam que seus pais estudaram nessas mesmas salas de aula e puderam compartilhar algumas diferenças entre o tempo deles e os dias de hoje.

Mais do que um lugar para estudar as matérias, a escola é um espaço de descobertas, amizades, projetos criativos e muitas histórias legais. É um lugar para aprender sobre o mundo... e também sobre o próprio bairro e suas raízes.

A diretora Marisa Pereira Gasparac contou um pouco sobre a história da escola e respondeu às dúvidas e às curiosidades dos alunos. Conhecer novas histórias sobre a própria escola inspirou os alunos a transformar tudo em poesia.



Andrônico Pereira

É uma escola muito amada,
Que em 1988 foi inaugurada.

O nome dessa escola foi escolhido
com amor e respeito,
Em homenagem ao pai do prefeito.
Os alunos fazem a lição,
Com amor e dedicação!

Naquela época nossa atual diretora
Nessa escola era professora.
Tinham poucas salas e não tinha
quadra de esportes,
Hoje com a educação física
ficamos mais fortes.

Do 1º ao 4º podia aprender,
Hoje até o 9º consegue atender.
Escola que era pequena e singela,
Mudou muito e ficou mais bela!
Davi Lucca de Oliveira e Vicente Mello
Barreto Mota

Bela Escola Andrônico Pereira

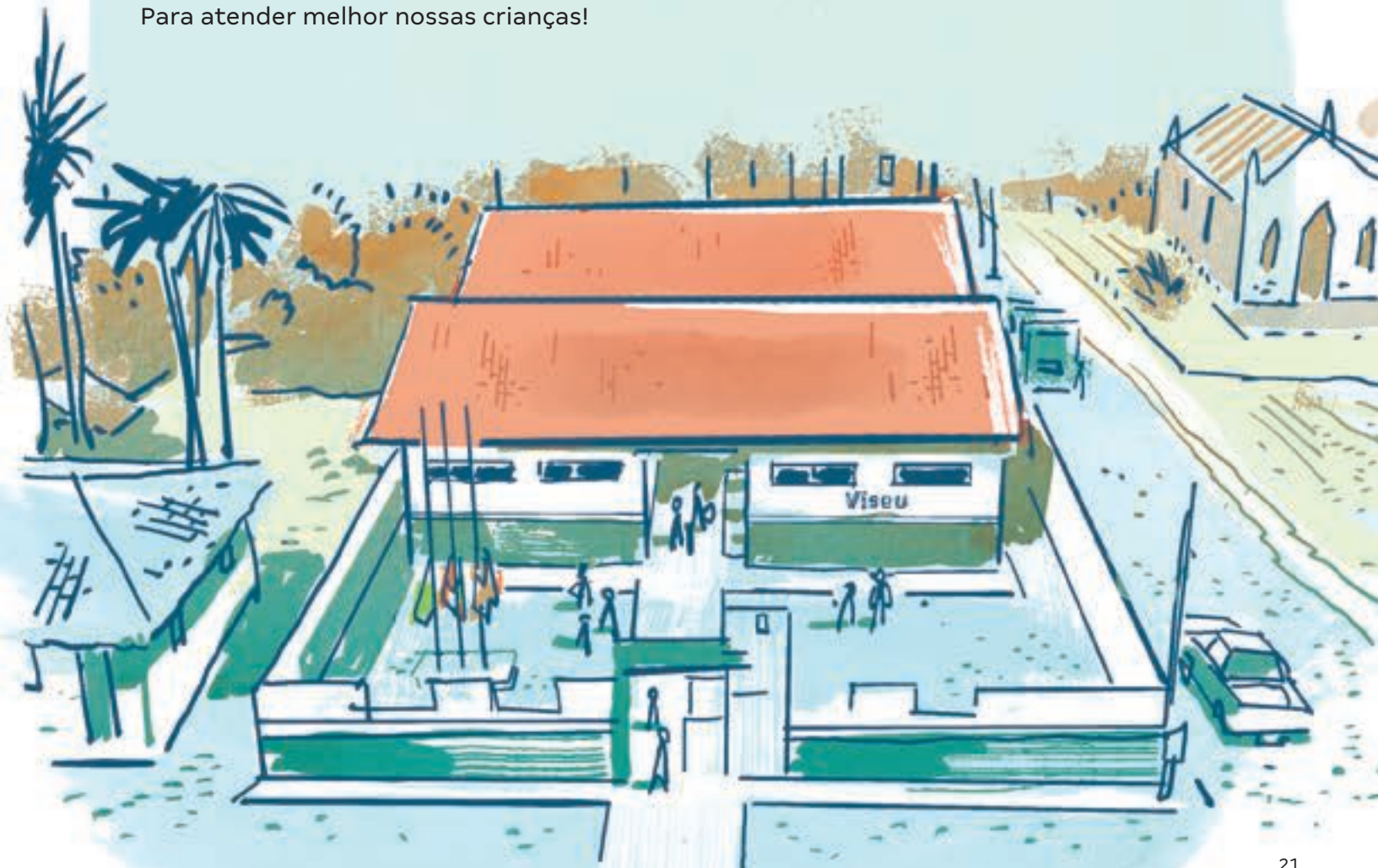
Minha mãe aqui estudou,
Gostava muito e se dedicou.
Escola bela e amada,
Com muito estudo para a criançada!

Essa escola tem uma linda história.
Inaugurada em 1988,
Tem uma grande trajetória!

Na escola nós aprendemos de verdade,
E também fazemos amizade.
De lá para cá teve muitas mudanças,
Para atender melhor nossas crianças!

Até o lanche era diferente,
Mas sempre deixava o aluno contente.
Sempre teve amor e dedicação,
Assim aprendemos a lição.
Essa é nossa escola do coração!

Kely Cristina Cintra Alves e Vitória Maçaneiro
Nizer da Rocha





Uma sensação gostosa de pertencimento também apareceu nos acrósticos que a turma criou em homenagem à escola.

Escola Andrônico Pereira,
Sociável e
Criativa.
Orgulho tenho dos professores e alunos.
Legal e leal é
A nossa escola!
Produção coletiva

Essencial,
Sensacional.
Com muito
Orgulho eu
Lhe apresento
A escola Andrônico Pereira.
Luiz Gustavo de Souza

A escola Andrônico Pereira
Nela a gente aprende muito.
Destemida,
Respeitosa e
Otimista.
Nela a gente aprende com
Inteligência,
Cuidada com muito amor e carinho.
Orgulho temos desse cantinho.
Maria Fernanda Teodorovitz de Souza,
Sabrina Bernardes Santana
e Sophia Hilgemberg

A nossa escola Andrônico Pereira
Nela temos sabedoria, criatividade,
Dedicação e
Respeito.
Orgulho temos dessa escola.
Nossa escola tem muita esperança.
Incrível ela é com nossas crianças.
Com ela, nossos dias são melhores,
Obrigada por tudo!
Kely Cristina Cintra Alves e Gabrieli Moreira

OLARIAS

EBM Lucinira Melo Rebelo

Professoras Norma Anziliero e Simone Trindade

Turma 64

Sabia que as olarias ajudaram a construir Camboriú?

Por muitos anos, esse trabalho atraiu muitos trabalhadores para as fábricas. O trabalho manual com a argila movia a economia e erguia as paredes da cidade.

Mas vamos começar pelo começo! Quem conta mais é a Mikaeli:

Uma olaria é onde as pessoas fazem coisas tipo tijolos, telhas etc. Elas pegam a argila ou o barro da terra, moldam do jeito que querem e depois levam ao forno, mas quando tiram do forno ainda não fica pronto, e depois levam à sombra, depois as mulheres tiram as rebarbas.

As olarias são muito importantes porque ajudaram a construir as casas onde moramos, sem as olarias não haveria empregos.

Eu acho incrível como algo tão simples como argila e barro pode virar coisas tão legais.

Mikaeli Fernanda Paes



Os alunos se aprofundaram nesse tema e fizeram uma entrevista muito interessante com o senhor Noé Marcos Bastos, que cresceu dentro dessa tradição.

A Olaria Bastos, do vô do senhor Noé, foi fundada na década de 1880 e é uma das mais antigas de Camboriú. No início, o trabalho era todo manual, pegavam o barro no pasto, moldavam na coxa, secavam na sombra.

Em 1972, o pai do Noé comprou uma retroescavadeira facilitando parte do serviço. Também chegaram as máquinas, mas deixavam rebarbas, e as mulheres ajudavam tirando. Entre 1972 e 2012 foi o período de maior produção na cidade.

Guilherme Correa de Jesus



Muitos conhecimentos usados nas olarias vieram com os imigrantes açorianos, que trouxeram a tradição da cerâmica na bagagem.

A turma ficou impressionada ao descobrir que, na época da escravidão, as telhas eram moldadas de uma forma muito curiosa; por isso, cada telha saía de tamanho um pouco diferente. Essa forma de trabalhar permaneceu como tradição por longos anos. É o que podemos conferir nos textos do Marcos Antônio e da Paula Vitória.

Os portugueses vieram para o Brasil e eles mandavam os escravizados fazerem telhas e tijolos. As telhas eram feitas em cima das coxas e, às vezes, uma ficava menor que a outra porque tinha escravizados com a coxa pequena e outro com a coxa grande. Já o tijolo era feito na mão. Eles batiam o barro para fazer o bloco de tijolo. Depois o processo foi melhorando.

Marcos Antônio Brix Ribeiro

Nas olarias trabalhavam homens, mulheres e crianças. Estas cuidavam da organização e da limpeza da olaria, enquanto as mulheres tiravam as rebarbas. As telhas eram feitas de barro e eram formadas nas coxas dos homens, depois as telhas eram levadas ao forno para endurecer. A temperatura do forno era de 950 graus.

Paula Vitória Gutovski de Jesus

Outra coisa que chamou muito a atenção durante a pesquisa foi descobrir que antigamente existia trabalho infantil nas olarias. Por causa da falta de incentivo para frequentar a escola e da necessidade de ajudar na renda da família, muitas crianças acabavam trabalhando nessas fábricas.

Antigamente, as crianças que não queriam estudar, o pai não as obrigava, com a condição de que ajudassem com as despesas da casa.

Então o pai falava com o dono da olaria para pedir permissão para trabalhar e o dono deixava. Conforme seu Noé falou, antigamente quem educava as crianças não eram somente os pais, mas também as pessoas mais próximas. As crianças tinham idades entre 12 e 13 anos.

Lívia Rodrigues

As crianças também trabalhavam na olaria, onde faziam telhas e tijolos, mas elas faziam coisas mais leves como lavar o carrinho sujo de barro, recolher o lixo. Isso acontecia porque algumas crianças não queriam estudar, aí o pai ia e pedia pro dono se elas podiam trabalhar. Assim elas ajudavam nas despesas de casa, porque as famílias eram muito pobres.

Larissa Santana



O trabalho artesanal nas olarias causava muitos impactos na natureza, e isso precisava mudar. Assim, alternativas foram ganhando espaço, e as pessoas começaram a encontrar outras vagas de trabalho com o crescimento do comércio.

Para fazer as telhas e os tijolos precisavam do barro, e ele era tirado do terreno da própria olaria. Isso piorava o meio ambiente que não era cuidado pelas olarias. Em 1995 foi feita a lei ambiental que mudou toda a história das olarias. Foi o início do seu fim, pois essa lei dificultou a extração do barro. Exigiu mais cuidado com os fornos que eram muito poluentes. Isso fez com que as olarias fossem fechadas em 2014, encerrando a história.

Otávio Joaquim Rech Teixeira

Quando faziam as telhas e os tijolos usavam-se muitas madeiras de árvores, aí as leis ficaram cada vez mais rigorosas e duras, foi cada vez mais difícil para tocar o trabalho na olaria. Quando queimavam a madeira para secagem das telhas e dos tijolos, ocorria muita fumaça que poluía a atmosfera pela emissão de gás.

Larissa Santana

PEDREIRA GUARNERI

EBM Lucinira Melo Rebelo
Professoras Norma Anziliero e Simone Trindade
Turma 61

Na época em que Camboriú ainda era cercada por mata nativa e não tinha chegado a energia elétrica, o mármore da cidade já ganhava o mundo. Isso foi o que contou o senhor Wilmar Vieira, filho de Valdir José Vieira, que trabalhou por sessenta anos na antiga empresa de extração de mármore do grupo Guarneri.

Além de receber o senhor Wilmar na escola para uma entrevista, a turma fez uma visita à pedreira Congonhas, antiga pedreira Guarneri, e descobriu muitas curiosidades sobre a importância do mármore que habita as montanhas de Camboriú.

Monique escreveu uma carta, contando mais:



Querido leitor,

Você sabe de onde vêm os pisos, tampos de mesas, pias e outros artefatos de pedra utilizados em casa, prédios e igrejas?

É possível que venha da minha cidade. Camboriú é a capital do mármore! O principal mármore na região é conhecido como Aurora Veiada. Ele tem esse nome porque as suas linhas esverdeadas se assemelham a veias.

Um bloco de pedra leva em média de 24 a 72 horas para ser cortado, pesa 30 toneladas e pode custar até 100 mil reais. Outro fato importante que fiquei sabendo é que todos os morros de Camboriú podem ser explorados, mas existe um limite fixado pela Agência Nacional de Mineração.

Uma cidade igual à minha com tanta diversidade de mármore, só no Ceará!

Atenciosamente,
Monique da Costa de Moura



A história da extração do mármore em Camboriú começa lá em 1930 e envolve até uma explosão trágica em 1936, que tirou a vida de dois irmãos italianos e um ajudante, enquanto instalavam uma máquina a vapor.

Sem estradas e sem tecnologia moderna, os blocos pesados de mármore eram arrastados por mulas até caminhões, que levavam as pedras para o Rio de Janeiro e, de lá, para navios com destino à Itália.

Ana Clara tem mais detalhes para contar:

Prezado leitor,

Meu nome é Ana Clara e vim falar sobre a história da pedreira Congonhas, mas que já foi chamada de Guarneri. Ela é bem importante para a minha cidade, porque quando falamos da pedreira, também falamos da história de Camboriú.

Antigamente o corte das pedras era um processo manual e muito trabalhoso. Eles usavam um fio de aço, areia e água para cortar o bloco e levavam dias para cortar.

Outro fato importante foi uma explosão que matou 3 funcionários: Estefan, Estevão e um desconhecido, que até hoje nunca foi identificado, porque naquela época, por volta de 1936, não havia registro ou Carteira de Trabalho.

Enquanto pesquisava o assunto, fiquei sabendo também do “direito de lavra”. Assim como qualquer mineral, o direito à exploração do mármore é concedido pela União e coordenado pelo Ministério de Minas e Energia.

As nossas pedras já foram para longe, até para o Vaticano...

Foi muito legal partilhar tudo que eu aprendi com você!

Até mais!

Ana Clara Coghetto



O trabalho na pedreira era duro, mas muito valorizado: os salários eram bons, e as pessoas vinham de várias cidades para trabalhar ali. Camboriú ficou conhecida internacionalmente por suas pedras ornamentais, e até o piso da prefeitura foi feito com esse mármore.

Sophia conta um pouco mais sobre a pedra Aurora Vejada, encontrada em Camboriú:

Essa pedra é tão diferente que foi comercializada até para a Itália e o Oriente Médio.

Eu e meus colegas fomos visitar a pedreira que fica perto da nossa escola e lá encontramos um escultor que gentilmente explicou muitas coisas. Contou, por exemplo, que os blocos de mármore podem pesar até trinta toneladas. Fiquei impressionada com o tamanho e o peso.

Outra curiosidade é que o corte dessas pedras é feito com um fio diamantado.

Sophia Fernanda França Benedito

Luiza confessa que não resistiu e levou uns pedacinhos de mármore como souvenir!

A minha turma foi visitar a pedreira de micro-ônibus, subimos e descemos morro, pensamos até que seguiríamos a pé, mas graças a Deus o ônibus deu conta. Quando chegamos, vimos pedras enormes, até uma nascente.

De lá que vem um mármore translúcido, ou seja, a luz do sol consegue passar por ele como se fosse um vidro. Também descobrimos, através de uma palestra, que existem variedades de pedras, e eu não perdi tempo, catei logo alguns pedacinhos de mármore para levar para casa. Depois voltamos para a escola, onde a professora pediu que fizéssemos um texto com tudo que lembrávamos do passeio. E, através dessa carta, escrevo um pouco da história da minha cidade.

Luiza de Lima Nabarro

CACHOEIRA SECA

EBM Clotilde Ramos Chaves

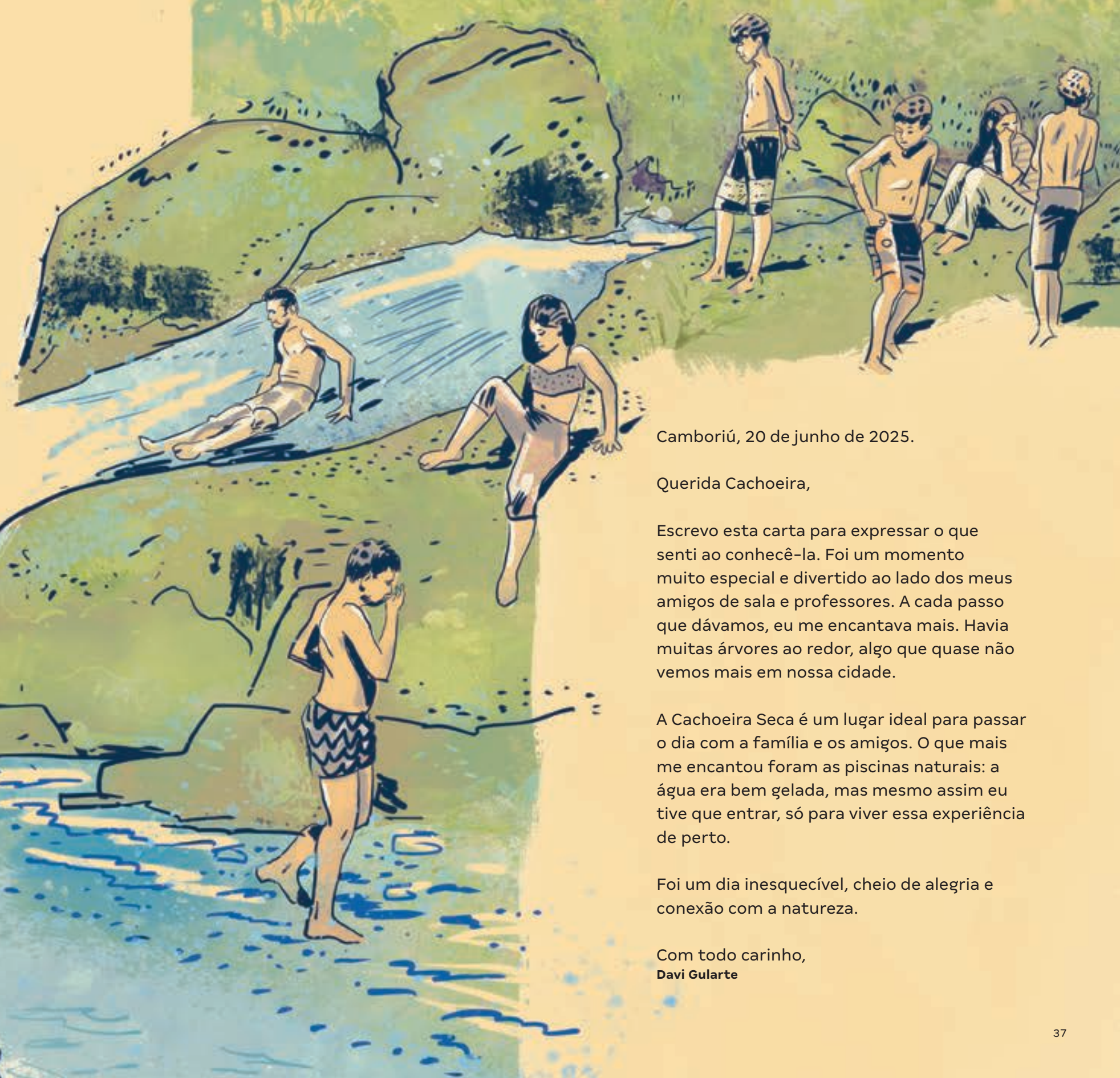
Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi

Turmas de 6º ano

Um momento muito esperado por todos foi a visita à Cachoeira Seca, que na verdade é bem molhada e cercada de mata e trilhas. Um clima fresquinho decidiu soprar seus ventos por aqueles dias e ainda assim não desencorajou ninguém!

A turma brincou entre as pedras, se aventurou na água gelada e curtiu cada minuto sem esquecer de uma missão: observar tudo com atenção para depois escrever uma carta bem criativa sobre o local!

A escrita exigiu pesquisas e incluiu também um momento bem artístico: os alunos criaram os próprios selos postais, representando o local. Desenharam em papel canson e preencheram depois os envelopes com os dados do remetente e do destinatário. Foi um trabalho em equipe cheio de inventividade!



Camboriú, 20 de junho de 2025.

Querida Cachoeira,

Escrevo esta carta para expressar o que senti ao conhecê-la. Foi um momento muito especial e divertido ao lado dos meus amigos de sala e professores. A cada passo que dávamos, eu me encantava mais. Havia muitas árvores ao redor, algo que quase não vemos mais em nossa cidade.

A Cachoeira Seca é um lugar ideal para passar o dia com a família e os amigos. O que mais me encantou foram as piscinas naturais: a água era bem gelada, mas mesmo assim eu tive que entrar, só para viver essa experiência de perto.

Foi um dia inesquecível, cheio de alegria e conexão com a natureza.

Com todo carinho,
Davi Gularte

O melhor de tudo na atividade que a turma fez com as cartas foi a liberdade ao escolher um destinatário que poderia ser uma pessoa, mas também poderia ser outro ser vivo, como bichos ou plantas presentes naquele momento da visita!

Vamos ler alguns trechos das cartas?

Camboriú, 16 de junho de 2025.

Caro senhor Peixe,

Quando chegamos perto da entrada da Cachoeira Seca, nós fomos andando até chegar ao local.

Chegando lá, nossa turma foi comer e depois de um tempo nós fomos brincar nas pedras, em um minirrio. Depois do rio, nós fomos ao sítio. Lá havia muitos porcos e galinhas. Fomos para uma praça que tinha um parquinho e uma minifazenda com galinhas, porcos, peru, pato, gansos e um cão de caça.

Depois, nós fomos até perseguidos por um porco! Antes de ir ao sítio, nós também vimos várias espécies de peixes na cachoeira.

Com toda a atenção,
Davi Vieira, Guilherme Moreira da Cruz, Noah da Silva e Thomaz Victor

A casa de Davi, 4 anos, e seu jardim secreto cativaram os visitantes. Davi tem autismo, fala inglês e tem grande facilidade na matemática. Surpreendeu a todos por sua intimidade com os números e apresentou os bichos da fazenda!

Camboriú, 16 de junho de 2025.

Querido amigo Bumerangue (cavalo),

Quem vai falar são os alunos da escola Clotilde Ramos Chaves. Quando chegamos à Cachoeira Seca, nós nos encantamos com a beleza da natureza. Depois de duas horas, nós entramos na água. A água era muito gelada, e parecia até que os peixes sentiam frio.

Depois que nós saímos da água, a professora Claudinha nos falou: “Vamos visitar o jardim secreto do Davi”.

Fizemos uma caminhada até o jardim, e valeu a pena a caminhada, porque o jardim era muito bonito, tinha vários animais e, inclusive você, Bumerangue, o cavalo, e sua filha Serena.

Com carinho,
Vinícius Leite, Davi Gularte, Pedro Henrique do Carmo e Miguel Lucca



Além das cartas, o encontro gelado com a cachoeira motivou nos visitantes a vontade de experimentarem outros gêneros textuais!

Aqui vai um trequinho do poema escrito pelo Gabriel:

Cachoeira Seca

No coração de Camboriú calado
A cachoeira dorme em pedra fria
O vento seco, voz silenciada
Ecoa, a dor da Terra e sua agonia
Água descia, restando só poesia.

Nas águas que corriam, pura alegria
Seu véu reluzente, sua alma fria
Dos morros água descia
Uma brisa sentia,
Nos tempos de hoje,
cantava e corria.
Gabriel Nogueira



A Pietra se aventurou na escrita da fábula “A cachoeira encantada”, que teve a Cachoeira Seca como cenário. Foi naquelas águas que o macaco João Batista seguiu bem feliz para tomar um banho e acabou sendo iludido por uma raposa muito esperta...

A raposa diz:

— Olá, macaquinho! Você está com fome?

João chega perto da raposa e diz:

— Estou sim! He He! Mas com vontade de comer um doce.

A raposa fica com um sorriso e diz:

— Então você quer um doce? Posso lhe oferecer meu pirulito. — Diz a raposa entregando seu pirulito.

Nesta hora, sua irmã chega e diz:

— Eu também quero um.

A raposa entrega os pirulitos para eles, começam a saborear, de repente todos sentem uma tontura.

A raposa ri e diz:

— Hahahahaha! A mãe de vocês não ensinou que não podem aceitar coisas de mãos de estranhos?

Ela sequestra as crianças, deixando o pirulito no chão.

Pietra Knabben Behling

A moral da fábula é: “Não confie em pessoas estranhas”!

FAMÍLIA PORTO

EBM Clotilde Ramos Chaves

Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi

Turmas de 6º ano

Uma viagem no tempo: assim foi a visita à casa da família Porto, na área rural de Camboriú.

A pesquisa feita pela turma 66 conta que a família Porto faz parte da história de Camboriú desde tempos muito antigos... lá no começo do século XVII. Tudo começou com João Porto, que veio de Portugal e se misturou com outras famílias que viviam na região do bairro Macacos. Séculos se passaram, mas os filhos, os netos e os bisnetos mantiveram as tradições vivas.

A principal atividade da família sempre foi a agricultura. Eles cuidavam de porcos e gado e plantavam arroz, café, cana, milho e mandioca. Usavam muitas vezes esses produtos para trocas no comércio local.

Tudo era feito com muito esforço e ajuda entre vizinhos. Os colonos tinham costumes próprios e construía suas vidas com o que havia: ferramentas simples, animais, sementes e vontade de trabalhar.

A família se manteve unida. Mas foram muitas as dificuldades enfrentadas, como conta o texto:

Certamente, não faltavam algumas lágrimas de familiares pelas condições das estradas e precariedade dos meios de transportes, além da dificuldade da comunicação na época. Por esses motivos, o reencontro de alguns familiares podia levar anos para acontecer.

As mudanças foram acontecendo gradativamente, mesmo assim a família vive até hoje na comunidade dos Macacos.
Produção coletiva



Na visita à casa da família Porto, as turmas tiveram a chance de conhecer uma coleção de objetos usados no cultivo agrícola, tanto pelos antigos moradores quanto pelos que vivem lá hoje.

Eles também acompanharam de perto como é feito o café artesanal, preparado com muito cuidado para o consumo da própria família.

Os animais da fazenda deixaram tudo ainda mais divertido!

Depois dessa experiência cheia de descobertas, muitos alunos registraram suas impressões em textos no gênero diário pessoal. Ler o diário de alguém é um privilégio, não acha? Que tal espiar um pouquinho?

Meu querido diário,

Ontem foi muito legal, a minha turma e a turma 62 foram à casa da família Porto, no interior da cidade. Quando chegamos lá, tinha várias vacas e bois, e também uma bezerrinha muito lindinha. Eu tirei foto com ela. E lá também tinha várias coisas antigas, como pilão, foice, serra de duas pessoas, um rádio antigo e também um trator muito antigo, e várias outras coisas. Esse foi o dia de ontem, muito legal!

Emannelly Morgenstein de Lima

Querido diário,

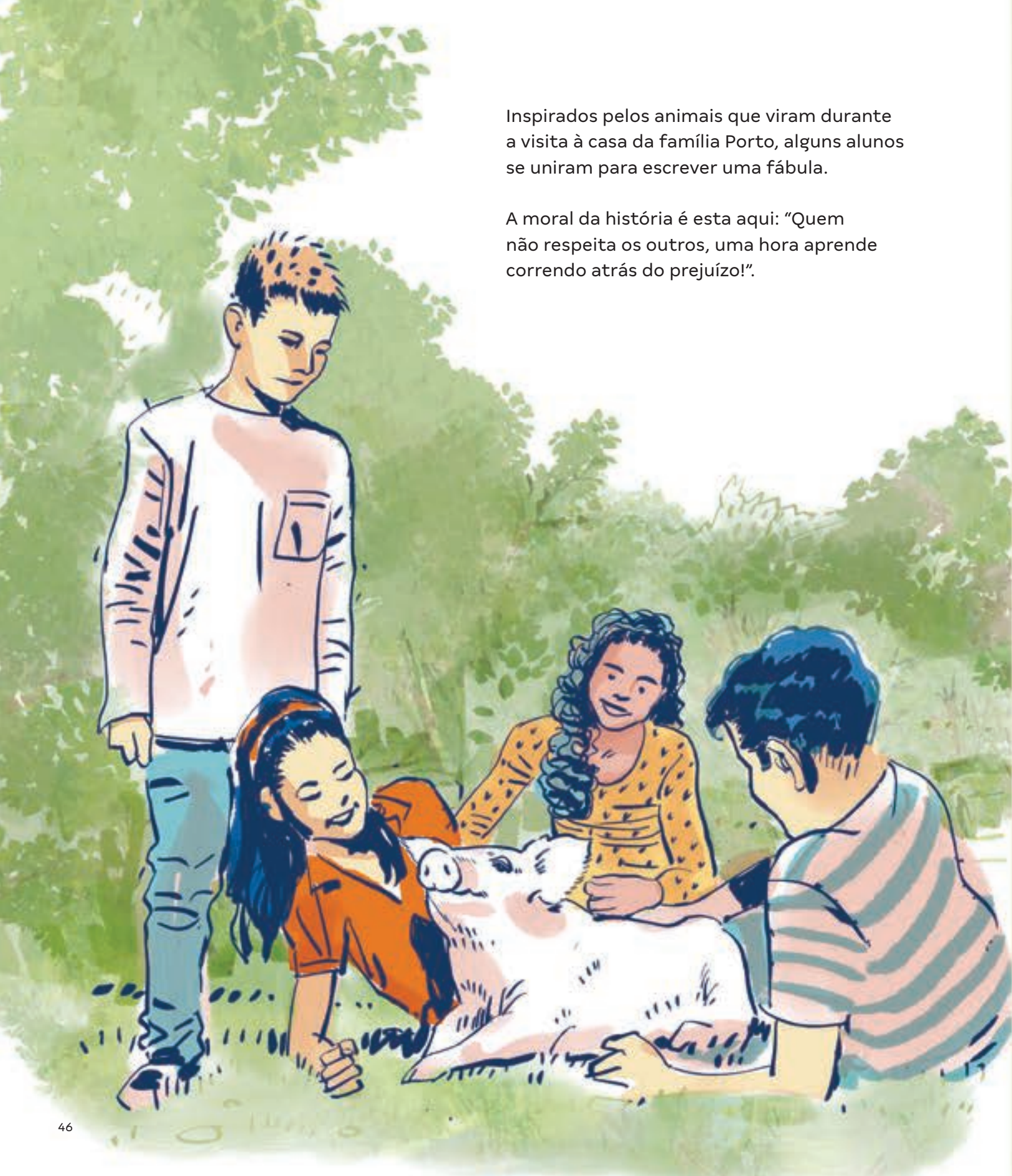
No dia 17 de julho de 2025, fomos para um passeio escolar visitar a família Porto. Logo quando chegamos lá, a paisagem estava linda: o céu azul, um monte maravilhoso e um clima de paz. A primeira coisa que vimos foi como eles tiravam a água da cana, depois, como passavam cera no chão antigamente, e os usos do pilão (para bater temperos, etc.).

Yasmin Alves dos Santos



Inspirados pelos animais que viram durante a visita à casa da família Porto, alguns alunos se uniram para escrever uma fábula.

A moral da história é esta aqui: “Quem não respeita os outros, uma hora aprende correndo atrás do prejuízo!”.



O porco Zé e a Corrida Maluca

Na chácara da dona Maria, a coelha, e do Davi, o coelhinho, vivia um porco chamado Zezito, mas não era um porco qualquer. Zé, como gosta de ser chamado, gostava de ouvir rádio e tomava banho de lama só nos fins de semana.

Zé ficava tranquilo no terreno até as crianças chegarem.

Toda vez que tinha passeios, Zé já sabia que vinha confusão. Eles jogavam pedrinhas no chiqueiro, chamavam o Zé de “bacon ambulante” e ainda imitavam o jeito dele andar.

Zé avisava: “eu sou um porco educado, mas tenho limites, hein!”.

Mas as crianças achavam graça e confiantes voltavam ao chiqueiro fazendo oinc, oinc. Até que um dia Zé decidiu dar um susto nelas. Com agilidade, saiu do chiqueiro e saiu correndo atrás de algumas crianças. Foi gritaria para todo lado.

Ahhh!!!! o porco tá solto.

Ele vai me pegar.

Zé corria bufando, mas sem machucar ninguém, só queria que entendessem que ele merecia respeito.

Depois de um tempo, cansado, deitou no chiqueiro e disse:

— Viu como não é legal quando alguém corre atrás da gente fazendo graça?

As crianças ficaram quietas, pensaram e pediram desculpas. A partir daquele dia, em vez de zoar o Zé, passaram a brincar com ele.

Zé voltou a ser o porco tranquilo de sempre, mas agora com os novos amigos.

Alice Senna, Ana Luiza de Sousa, Anne Paola Gemim e Kaík Gabriel Roque

GINÁSIO IRINEU BORNHAUSEN

EBM Clotilde Ramos Chaves
Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi
Turmas de 6º ano

Espaço de muita torcida em jogos de handebol, vôlei, basquete e eventos cheios de energia... estamos falando do Ginásio Irineu Bornhausen, que fica no centro de Camboriú e foi inaugurado em 1980.

Carlos Eduardo Florêncio, da turma 64, visitou o ginásio. Ele conta que o local recebe até mil pessoas, tem lanchonete e um estacionamento para ônibus.

O espaço onde a diversão rola solta conta até com uma área reservada para ambulância, caso alguém precise de atendimento rápido. Além dos esportes, o ginásio recebe eventos importantes da cidade e fica pertinho da Prefeitura e da Fundação Cultural, bem no coração de Camboriú.

A visita ao ginásio animou os alunos a escreverem algumas cartas. Mas não foram cartas comuns, não. Olha só: o Yan escreveu direto para a trave, avisando que ela se prepare... logo, logo, tudo vai tremer em quadra!
Carlos Eduardo Monteiro Florêncio

Camboriú, 18 de junho de 2025.

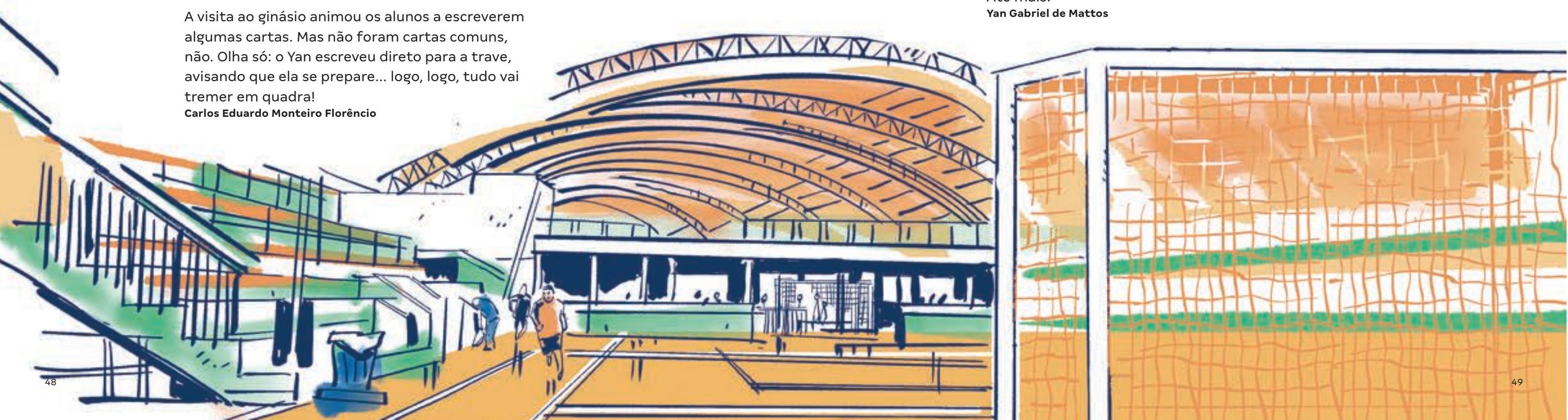
Olá, Trave,

Como você está? Espero que bem. Você está tomando muitas boladas? Espero que não, né. Então... estão acontecendo muitos torneios, e você deve estar tomando muitos gols. Até eu fiz vários gols em você ontem, no dia 17. Hoje eu vou fazer um treino no ginásio de esportes. Vou estar aí e daí nós vamos nos encontrar de novo. Também vou ter um torneio no ginásio no domingo.

No domingo, vou fazer muitos gols em você. A sua redinha vai se mexer toda hora (só estou brincando, mas vou fazer gols, sim). A quadra onde você fica escorrega, mas é boa para mim (não sei para os outros, né...).

Obrigado, Trave, pela conversa.

Até mais!
Yan Gabriel de Mattos





E não é que a quadra também recebeu uma das cartas? Foi a Emanuelly que escreveu para ela, toda animada, contando que já está na expectativa pelo próximo jogo!

Camboriú, 18 de junho de 2025.

Querida Quadra,

Você é um lugar incrível para a prática de esporte e eventos culturais. Eu gosto muito de ir até você e me divertir com meus amigos. Sua estrutura é moderna e bem cuidada, o que permite praticar esportes com segurança e conforto.

Eu gosto muito de jogar vôlei em suas quadras. Você é mais do que apenas um espaço para praticar esportes, você é um lugar de convivência. Eu faço novas amizades e fortaleço laços com os colegas de equipe.

Eu sou grata por ter você em nossa cidade. Você é um recurso valioso para a comunidade, pois é um lugar onde podemos nos divertir e nos manter saudáveis. Além disso, sua equipe é dedicada e sempre disposta a ajudar.

Eu amo a sensação de conquista quando ganho um jogo e a forma como você nos desafia a melhorar. A comunidade pode se unir e se divertir, e eu sou muito feliz por fazer parte disso.

Eu estou ansiosa para continuar frequentando aí, você é um lugar que eu amo visitar. Agradeço por ter a oportunidade de praticar esportes e me divertir. Você é um recurso importante para a nossa cidade que eu recomendo para todos. Obrigado por ser um lugar tão especial!

Atenciosamente,
Emanuelly Mello Pereira



A visita ao ginásio despertou a imaginação de todos. Um grupo da turma 64 imaginou uma partida de futebol pra lá de diferente — com bichos em campo e tudo terminando num entardecer à beira do rio.

Os passeios dos animais no rio Camboriú

Era uma vez, quatro animais, sendo uma capivara, um sapo, um papagaio e um cachorro. Certo dia, resolveram passear pelo rio Camboriú e pelo Ginásio de Esportes.

Eles decidiram antes passar no mercado. O cachorro pegou um osso, a capivara pegou alguns frutos, o papagaio pegou alpiste, enquanto isso o sapo estava lá fora comendo moscas.

Depois, guardaram tudo e foram ao Ginásio de Esportes, chegaram lá e foram jogar futebol contra um orangotango, uma raposa, um gato e um porco.

Após uma longa partida, ganharam de 4 a 2, eles foram ao rio Camboriú fazer um piquenique. Como o tempo estava bom, decidiram dar um mergulho.

No rio encontraram um jacaré, chamado José, o chamaram para o piquenique:
— Quer uns frutos? — Falou a capivara para o jacaré.
— Claro, estou de dieta e não quero comer peixes. — Disse o jacaré.

Passaram o fim da tarde no rio.
Gabriel Matheus Fagundes, Lucas da Silva Flores, Samuel Augusto Schade Rodrigues e Vinicius Salles

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

EBM Clotilde Ramos Chaves

Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi

Turmas de 6º ano

O Instituto Federal Catarinense (IFC) é uma escola diferente, que prepara jovens e adultos para várias profissões. Durante a visita, os alunos ficaram curiosos ao saber que o IFC nasceu da união de antigas escolas agrícolas, inclusive uma de Camboriú, lá em 2008. Hoje, ele oferece cursos técnicos, faculdades e até pós-graduações, com foco em temas como natureza, ciência e tecnologia.

Depois de caminhar por laboratórios, estufas e espaços de pesquisa, os alunos registraram essas descobertas. Alguns textos foram escritos no gênero diário pessoal, misturando lembranças, sentimentos e os pontos mais importantes da visita.

Seguem alguns trechos:

Chegando lá, fomos recebidos por uma professora do Instituto. Ela nos mostrou a biblioteca (que é enorme!), a agropecuária e até o refeitório, onde lanchamos. Achei tudo organizado e bem cuidado.

O dia passou voando. Na volta para a escola, fiquei pensando em como seria estudar lá. O IFC é mais do que uma escola. Parece um lugar onde os sonhos ganham forma.

Mellanie Valentina Ramos de Almeida

O lugar que eu mais gostei de ir foi a biblioteca, pois eu amo livros e amo ler. Conheci o cuidado com os porcos, as vacas, as ovelhas, os cavalos e outros animais. Eu achei muito legal a agricultura, a avicultura, a bovinocultura e outras culturas.

Luiza Gabrielle Alves dos Santos





Num texto saboroso, Davi contou sobre a visita, mas também um pouquinho de seus planos para o futuro!

Querido diário,

Na sexta-feira, dia 27 de junho de 2025, fiz um passeio escolar ao IFC de Camboriú. Fiquei encantado com o setor de agropecuária, o que confirmou ainda mais meu desejo de estudar ali e vivenciar tudo o que vi naquele lugar.

O que mais me chamou a atenção foi a produção de queijo. Eles também cultivam uvas (uma videira linda), maracujá e um belo bananal. Dessas frutas, produzem geleias, doces, compotas e banana-passa.

Antigamente, toda essa produção podia ser vendida para a população, mas hoje isso não acontece mais.

A escola é enorme e dividida por setores. No passado, havia alojamento para alunos de outras cidades passarem a semana ali; hoje, porém, todos os estudantes são da região, então os alojamentos são utilizados para banhos e guardar os pertences dos alunos que estudam matérias do curso de agropecuária.

Foi uma manhã incrível cheia de aprendizado e da certeza de que é ali que quero estudar.

Davi Gularte da Silva



A visita ao IFC inspirou Laura a escrever uma fábula profunda, capaz de provocar no leitor um tanto de reflexões. Ela conta que a moral da sua história é “às vezes amar é deixar ir”.

Por quê?

Uma mamãe vaca LZC chamada Lulu havia parido um bezerro fazia duas semanas, porém em uma quinta-feira ela acabou adoecendo e estava muito mal, o bezerro chamado Mumi se aproximou do cavalo e perguntou:

— Senhor cavalo, por que mamãe adoeceu?

E o cavalo com uma expressão meio triste respondeu:

— Não posso lhe falar Mumi, talvez quando você crescer.

Mumi, curioso, agradeceu e foi caminhar pelo pasto, até achar sua amiga ovelha, e preocupado com sua mãe correu até o animal e disse:

— Senhora, o que houve com a mamãe?

A ovelha arregalou os olhos e o acariciou dizendo:

— Mas tarde eu te digo, você ainda é muito novo para entender.

O bezerro choramingou, mas foi embora, caminhando pelo pasto sem esperanças de saber respostas sobre o paradeiro de sua mãe. Ele sentia muito a sua falta, após supostamente ter adoecido sumiu.

Caminhando tristemente pelo pasto de cabeça baixa, escutou alguém chamar seu nome.

— Mumi!

Ele olhou para trás e viu uma cabra, com aparência idosa, o chamando enquanto se aproximava.

— Mumi, meu bem, eu posso te contar... mas você terá que aceitar a realidade.

— Certo — disse Mumi.

— Infelizmente a sua mãe acabou indo ao matadouro... e agora é sua estrelinha, mas ela pediu para você não parar de viver por causa dela, agora vou cuidar de você como uma vovó.

O bezerro desabou em choro, triste por saber disso, mas era a verdade cruel, a vida continua, o tempo não pararia para esperar o luto, todos sofrem, mas a vida segue em frente.

Após semanas o bezerro continuou vivendo e sorrindo, pois era o ciclo da vida.

Laura Eloah Gouçales

PRAÇA DAS FIGUEIRAS

EBM Clotilde Ramos Chaves

Professoras Samanta Rosa Maia, Maristela de Fátima dos Santos da Silva e Roseli Graeff Casiraghi

Turmas de 6º ano

Subir em árvore pode parecer alegria do passado, mas na visita à Praça das Figueiras isso virou a grande aventura do dia! Em poucos minutos, as imensas figueiras estavam cheias de crianças se revezando para a escalada. A missão era experimentar o máximo possível. Entre piqueniques na sombra e muitas risadas, a praça foi tomada por brincadeiras e olhares atentos. Muitos alunos contaram que nunca tinham parado ali antes, mesmo passando por aquele lugar quase diariamente.

Naquela manhã, a praça foi realmente ocupada — com corpo e também com palavra!



Praça das Figueiras

Ponto tranquilo no meio da correria
Razão de parada para quem tem nostalgia
Ali o tempo passa devagar
Crianças brincam, correm sem descansar
A sombra refresca para quem só vê o olhar.

De manhã, pássaros fazem festa
A brisa balança as folhas com leveza
Sentado num banco, o moço lê jornal
enquanto a vida passa num ritmo informal.

Figueiras antigas, prazeres profundos
Inspiram conversas, memórias fecundas
Gente que passa, gente que fica
Um cachorro que late, uma bicicleta que agita
Ecos de vozes que o vento repete
Inúmeros encontros que a gente promete
Risos, silêncios, olhares de canto
A praça é um quadro, pintado de encanto e
Silenciosamente um ponto de encontro.
Ayráh Larissa Ramos Pereira, Cibely Laís Placido e João Gabriel
Fernandes Marçal do Nascimento

Além de as árvores criarem um dossel verde sobre os bancos e os caminhos, a Praça das Figueiras tem mesas para jogos como dominó e xadrez, palco para apresentações culturais e é muito usada como ponto de encontro e também espaço de descanso.

Entre raízes e sombras, espia só este texto que a Pietra e a Isadora escreveram inspiradas na melodia da música “Vagalumes”, cantada pelo grupo Pollo:



Que sensação

Nunca me senti tão bem estando em um lugar,
Quando cheguei lá deu vontade de ficar,
Então tive o pé no chão e comecei a voar
como os pássaros que estavam a cantar.

Seja qual for a ocasião, apenas feche os olhos
e segure a minha mão!

A brisa do vento me fez respirar
Me deixando sem jeito e querendo dançar,
Olhando para as árvores pude perceber
Que a vida é linda
Para eu apreciar.

Ao pôr do sol pude perceber
quanta maravilha no ar, por isso quero estar lá,
Mas falta você para me acompanhar.
Se você não se sentiu aliviado,
É porque ainda não foi levado
E precisa ser entrelaçado.

Pietra Knabben Behling e Isadora Cristhine de Oliveira





A visita à Praça das Figueiras fez a imaginação ganhar asas — seres alados apareceram em cartas e fábulas!

Prezado senhor Passarinho,

Gostaria de dizer que a Praça das Figueiras é um lugar lindo e maravilhoso, e que você tem sorte de morar em um lugar assim.

Eu passei por aí e me encantei com esse lugar, aproveitei e tirei fotos para registrar o momento.
Leandra Sobral Sacoman

Borboleta Star e as borboletas

Uma borboleta vivia sempre muito sozinha.

Um belo dia, Star sobrevoava uma praça onde várias outras borboletas moravam, quando ficou presa num graveto. As borboletas que estavam lá a ajudaram a sair.

A borboleta Star disse:

— Muito obrigada, borboletas.

Vocês foram muito gentis.

Ela ficou muito feliz, porque as borboletas a haviam salvado do apuro, e disse:

— Vocês querem ser minhas amigas?

As borboletas responderam:

— É claro que sim.

Então as borboletas fizeram uma proposta para Star.

— Você quer morar conosco?

Star aceitou, porém perguntou:

— Mas onde vou morar?

Uma de suas novas amigas respondeu:

— Pode ser na minha casa, pois lá tem muito espaço.

E Star respondeu:

— Você é muito generosa.

Assim continuaram a amizade que durou para sempre.

Moral: Quando você tem problema, sempre terá alguém para ajudar.

Janaína Rosa e Laura Silva Alvarenga

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

EBM Lucinira Melo Rebelo
Professoras Gisele Diniz e Simone Trindade
Turmas 62 e 63

Uma procissão percorre as ruas de Camboriú... é a Festa do Divino, uma tradição que veio de Portugal e mistura fé, cultura e celebração popular. A festa acontece todo ano e inclui novenas, música, comidas típicas e brincadeiras.

Conta a tradição que a festa nasceu de uma promessa da imperatriz Isabel de Portugal, que rezou pelo fim da guerra entre seu marido, o rei Dinis, e seu filho. Quando a paz foi alcançada, ela cumpriu a promessa com uma grande celebração.

Para entrar nessa história, a turma recebeu a visita da professora Teresa Santos da Silva, autora do livro *Camboriú, cidade do Espírito Santo: a revitalização da Festa do Divino*.

Ela contou sobre o imperador e a imperatriz da Festa e explicou como ela se tornou um patrimônio cultural da cidade. Junto com a professora de história, a turma organizou os dados mais importantes e depois colocou toda a criatividade na escrita de acrósticos.

A Festa do Divino

Fé que brilha em cada coração
Em Camboriú, é oração
Seguindo a bandeira com devoção
Trompete toca, há emoção
Agradecimento e procissão.

Dons do céu descem com luz
O povo celebra amor: Jesus!

Divina esperança renasce no ar,
Irmãos se unem para celebrar.
Votos de paz e promessas no altar
Inspiração que vem renovar
Nossa cultura e nossa raiz
O Espírito Santo, o que nos diz?

Povo em festa, as bandeira na mão
Oração forte sob canção
Majestosa, a pomba vai
Bela, serena, pura e santa
A paz divina ela representa.
José Taylor de Souza Bueno



A Festa do Divino surgiu em Camboriú em 1861, quando ainda existia uma capela dedicada ao Divino Espírito Santo no bairro da Barra, território que hoje faz parte de Balneário Camboriú.

Em 2025, a Festa completou 164 anos na cidade, sendo uma das manifestações religiosas mais antigas da região.

Camboriú mantém viva essa celebração, atravessando gerações. Samuel conta que até os dias de hoje moradores participam, renovando laços com a história.

Foi criada pela dona Isabel, a imperatriz
Esposa do rei dom Dinis
Seu filho, dom Afonso cobiçou um dos reinos do pai
Tudo isso levou à guerra
A dona Isabel não queria e desolada orou para que pai e filho fizessem as pazes.

Depois, a rainha fez uma promessa
O pai e o filho ficaram em paz

Doou, então, a coroa para os súditos
Isabel cumpriu a promessa e tudo
Voltou ao normal
Isabel organizou um grande evento e,
Nesse dia, a pomba – símbolo sagrado – passou a fazer parte da bandeira do império
O estandarte, os súditos e os instrumentos musicais acompanharam o cortejo até a igreja.
Samuel Quenguan

Davi conta um pouco mais dessa história:

Dentre o povo surgiu a fé
Inesperado foi o milagre e
Verdadeira foi a promessa
Isabel prometeu entregar a coroa
No meio do campo de batalha e
Orou para que pai e filho desistissem de brigar.

Então, o milagre aconteceu
Suas súplicas foram atendidas
Pai e filho selaram a paz e
Isabel cumpriu sua parte na promessa:
Reuniu o povo em festa e oração
Iniciando a tradição que existe até hoje, onde
Todos celebram com alegria
O Divino Espírito Santo.
Davi de Moura



IGREJA PRESBITERIANA

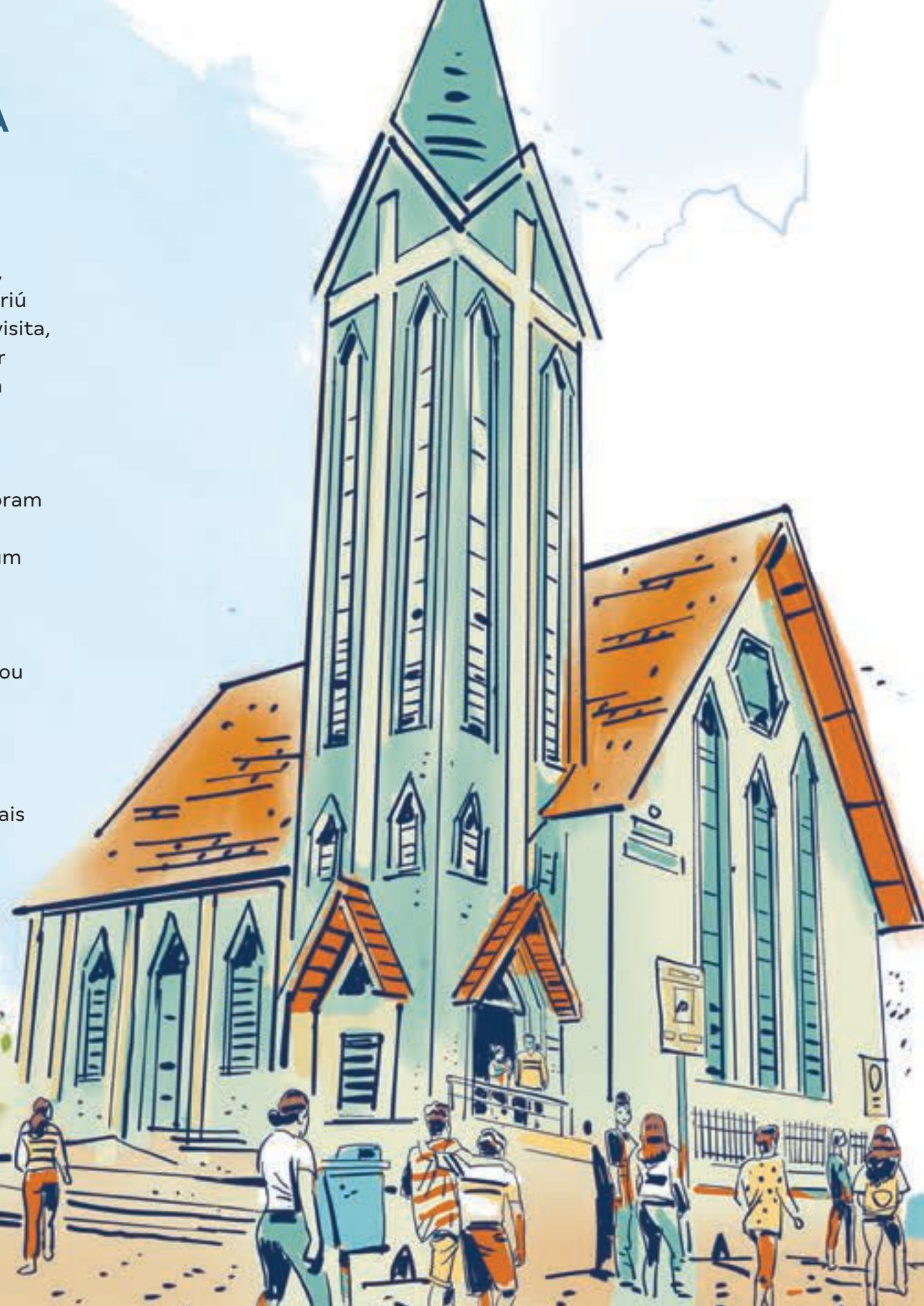
EBM Lucinira Melo Rebelo
Professoras Gisele Diniz e Norma Anzillero
Turma 63

Uma das mais antigas da região, a Igreja Presbiteriana de Camboriú está pertinho da escola. Numa visita, a turma foi recebida pelo pastor e pelo presbítero, que contaram acontecimentos marcantes e curiosidades desse patrimônio.

Acredite, as paredes da igreja foram erguidas por causa de um jornal que embrulhou as compras de um morador do bairro Rio Pequeno!

E lá vai mais uma curiosidade: na última reforma, a igreja contou com mármore doado pela pedreira Guarneri.

Samuel e Davy foram atrás dos detalhes e contam um pouco mais como isso aconteceu!



Um pouco da história da Igreja Presbiteriana

A história da Igreja Presbiteriana em Camboriú começa no ano 1905, quando um morador do bairro Rio Pequeno, cujo nome era Cypriano João da Silva, foi para a cidade portuária de Itajaí fazer compras.

Quando ele voltou para sua casa, desembulhou as compras envoltas em um jornal. Ao desembulhar suas compras, ele percebeu que se tratava de um jornal diferente chamado *O Mensageiro*. Esse jornal era um informativo, escrito pela Igreja Presbiteriana da cidade de São Francisco do Sul. Ele ficou interessado e mandou uma carta pedindo informações e solicitando o envio de missionários.

Atendendo ao pedido, enviaram missionários com o objetivo de pregar o evangelho na cidade de Camboriú. Começaram os cultos na casa de Cypriano. Os cultos passaram a ter grande alcance, reunindo em algumas ocasiões um público próximo de quinhentas pessoas.

Não demorou muito para surgir a necessidade de um templo maior e mais... isso não aconteceu apenas uma vez, mas sim três vezes!

O primeiro templo foi construído em um terreno às margens da BR-101, que foi doado por Cypriano. Sua inauguração foi em 27 de setembro de 1909.

O segundo templo foi construído quinze anos após o primeiro, agora já de alvenaria. Sua inauguração aconteceu em 22 de março de 1924.

Já o terceiro templo foi inaugurado em 1959, tendo a construção iniciada em 1957. Esse é o mesmo templo até os dias atuais.

Samuel Reyes e Davy Lucas

A visita à igreja foi um convite
para olhar com curiosidade mais
um canto da cidade que guarda
memórias e perceber que a história
não está só nos livros, mas também
nas paredes!

A sarça ardente, um arbusto em
chamas que aparece nas paredes e
na porta da igreja e não se queima,
simboliza na Bíblia a presença de
Deus, a exemplo de quando falou
com Moisés.

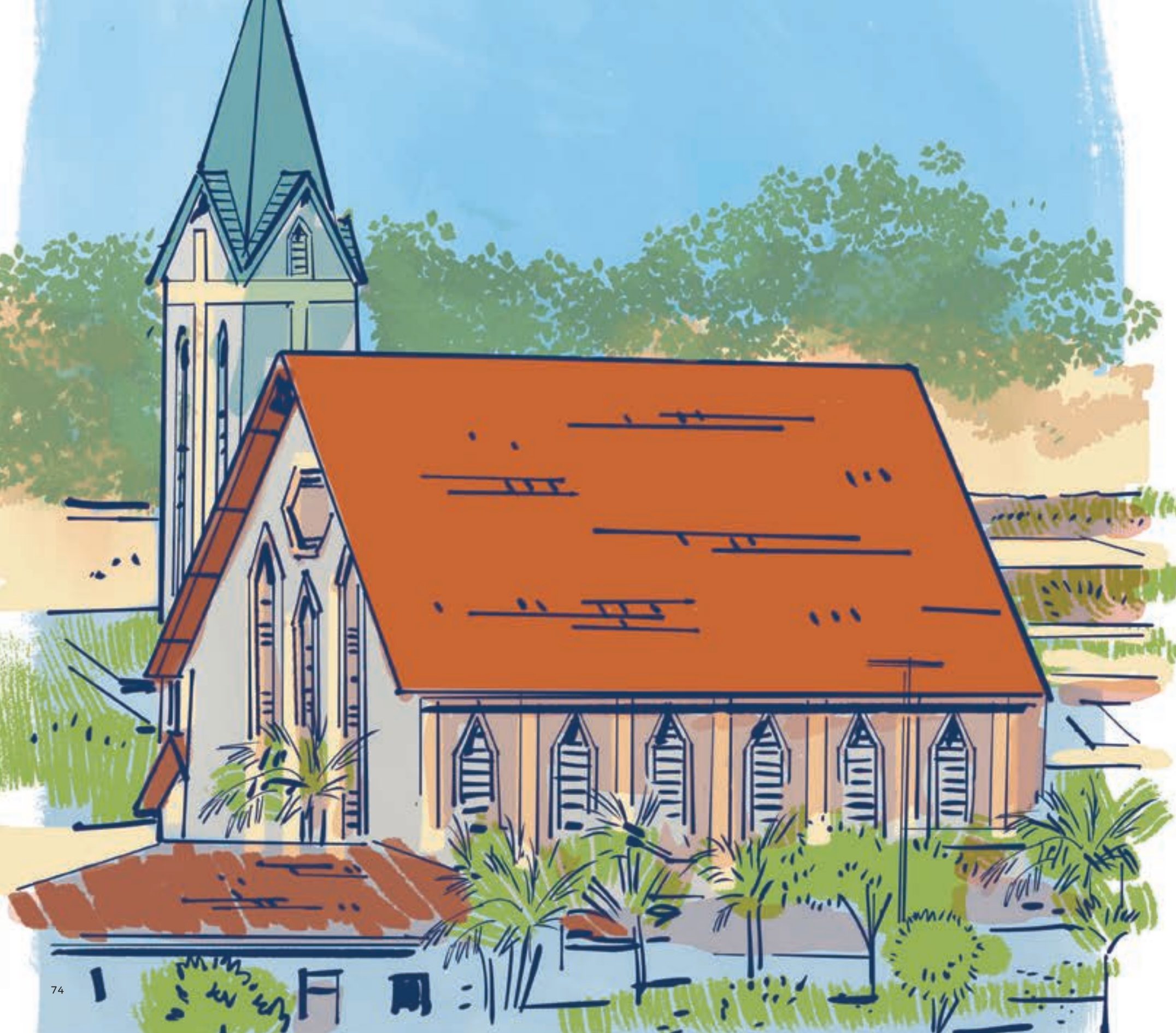
Além de organizar as informações
e os dados históricos coletados
durante a visita, a turma se dedicou
aos poemas.

Vamos ler alguns?

Tudo começou quando o senhor Cypriano foi ali,
Em Itajaí
Era o ano 1905
Encontrou um anúncio “o mensageiro” e pensou
ligeiro...
Ele se interessou e recebeu os estagiários
Para completar a missão com os missionários
E não levou muito tempo
Já construiu um templo

Pela fé fez história
Para o rei da glória
Com o símbolo da sarça
A igreja deu graças

Muito tempo se passou
E a igreja continuou
Sendo, hoje, um exemplo
De templo de amor
Isabella Lourenço e Sara Louise



Não foi à toa, não foi por acaso,
Ele veio, chamado num passo raso.
Chegou a Camboriú com o coração quente,
Sabia que ali era lugar de gente crente.

Era 27 de setembro, sol ou garoa: 1909, a data ecoa.
Plantou a igreja com oração e verdade,
Fundou esperança em plena humildade.

Sem templo bonito, sem palco, sem luz,
Mas com uma certeza: estava com Jesus!
Falou com o povo, abriu o coração
E a fé brotou naquela região.

Hoje, a igreja segue firme e de pé,
Vivendo a história que nasceu com fé.
E tudo começou com um homem, uma estrada
E uma vontade de fazer a jornada.

Pedro Cypriano, nome que ficou
Na história da cidade que Deus abençoou
De Camboriú ao céu, uma ponte de amor
Que começou com um sonho e um viajante pastor!
Caio Vinicius Sant'Ana da Silva

PARQUE LINEAR

EBM ELIETE PEREIRA MELO

Professoras Raquel Garcia Helm e Silvana Maria Bruschi Jaeger

Turmas do 6º ano

Vamos deixar as cadeiras da sala de aula quietinhas para trilhar a natureza bem de perto?!

Um parque linear é um tipo de parque comprido e estreito feito nas margens de rios, ruas ou trilhos. Ele traz a natureza para mais pertinho da cidade, colaborando com o clima fresco e deixando a área mais gostosa para todos aproveitarem.

Árvores enormes, o rio Camboriú passando tranquilamente e até capivaras tomando sol sem pressa... A cada passo no Parque Linear surge algo novo para observar: um canto diferente de pássaro, uma folha gigante ou um cantinho perfeito para descansar.

Entre conversas e fotos de registro do passeio, a aventura foi se fazendo verso num trabalho coletivo.

Nosso lugar — o parque linear

Um lugar com muita natureza
Onde podemos brincar
É muita beleza!
Brincar, sorrir e cantar
Um lugar para amar
Este é o nosso lugar: o Parque Linear!

No Parque Linear tem alegria
E espaço pra toda família
Pra quem caminha ou faz corrida todo dia
O parque também é atração
Há quem vá lá fazer pescaria
E o parquinho pra quem procura diversão
O Parque Linear ganhou nosso coração!

Produção coletiva



Cordéis com rima e ritmo contam um pouco mais sobre esse espaço verde tão especial de Camboriú.

PARQUE LINEAR

Vou voar até o Parque Linear
Para poder brincar até a hora de voltar
Não quero mais sair daqui, estou a me divertir!
Esta será minha resposta quando me chamar
O Parque Linear é o melhor lugar para brincar e rir
Agora vou ter que ir, senão a chinela vai cantar!

Yasmin Viana Basso

FIM DE SEMANA NO PARQUE LINEAR

Minha família e eu vamos ao Parque Linear
No fim de semana para nossa diversão
Minha mãe me deixa livre para brincar,
Levo a bola para jogar
Minhas irmãs começam a dançar
Este lugar é muita beleza
Culpa da natureza!

Gusthavo Lucas dos Santos Lima

O PARQUE LINEAR É LIBERDADE

O Parque Linear é cheio de animação
Que ao tocar no chão já me encontro felizão
Eu me liberto enquanto brinco
Sinto-me extremamente livre
Igual a um passarinho
Pelo meu caminho!

Maria Luiza Schmitz Coelho Leal

É com essa poética dos verdes e com
jeitinho de liberdade — que mora em
asa de passarinho — que agradecemos
aos nossos leitores pela companhia
nessa grande viagem. Aproveitamos para
convidar todos a observar com olhos de
novidade e carinho cada cantinho da sua
cidade, assim como nos aventuramos pela
nossa querida Camboriú, fazendo dela a
cidade da gente.

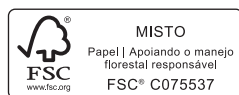
Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michelle Soares
Texto final: Sibélia Zanon
Ilustrações: Olavo Costa e Jordí
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Sibélia Zanon e Olavo Costa, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-065-1



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

Z33c Zanon, Sibélia.
Camboriú : a cidade da gente / organização Sibélia Zanon ;
ilustrações Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-065-1
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural.
4. Cidades.
5. Camboriú (SC). I. Costa, Olavo. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

patrocínio

produção
executiva

parceria

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES

INSTITUTO

cegea

SECRETARIA DE

de CAMBORIÚ

doble.
cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Era uma vez Camboriú. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... O rio Camboriú, o Parque Linear, a Cachoeira Seca, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.



patrocínio

produção
executiva

parceria

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES

INSTITUTO
cegea de **CAMBORIÚ**

doble.
cultura



CAMBORIÚ



**SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO**
DE CAMBORIÚ

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO